

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Título:

Por uma ontologia favelada: práticas políticas de mulheres negras na Brasilândia

Doutoranda Mayara Amaral dos Santos

Nº USP 10546662

**SÃO PAULO
JANEIRO 2026**

Por uma ontologia favelada: práticas políticas de mulheres negras na Brasilândia

Agoniza

Corta essa sua carne dura e sangue

Se for o único jeito de descobrir suas estradas

Ferida aberta

Corta

Corta essa

Falsa promessa

Essa falsa fortaleza

Corta essas certezas

Deixa jorrar esse sangue

Nesse peito aberto

Enfia no oco seu ego

Faze o presente ser eterno

Cava suas memórias

E reviva.

(Poetisa Raquel Almeida - Sarau Elo da Corrente)¹

Este trabalho foi pensado para compor o primeiro capítulo da qualificação de doutorado “Escrevivências: práticas políticas de mulheres negras na Brasilândia”; com inspiração na obra “Sociedade contra o Estado” (Clatres, 1974), pensando justamente sobre o olhar de uma sociedade que não enxerga seu avanço com o protagonismo de Estado, pelo contrário, assim como sociedade indígenas, nós amargamos o retrocesso e o extermínio de forma violenta, e o Estado de sítio executado pelo Estado aos nossos corpos e territórios

¹ Disponível em: [Seis poemas de Raquel Almeida - Ruído Manifesto](#). Acesso em: 20/01/2026

favelados; além de sermos uma sociedade heterogênea, na qual o poder não está centralizado, mas multifacetado em diversas forças sociais, como veremos adiante.

Nosso objetivo aqui é através de uma lente transdutiva compreender os modos de ser favelado e formas de viver. Desejamos através dos pensamentos de sistemas operacionais compreender a lógica que opera no pensamento, e no modo de vida favelado. Para além de teses já realizadas sobre periferias, almejamos aplicar a lógica transdutiva para compreender as estratégias de formulação do pensamento, e lógicas já pré-estabelecidas; bem como suas mudanças e resistemizações.

Situando o leitor neste trabalho etnográfico, aqui relatamos o caso do distrito da Brasilândia em interface com outras favelas de São Paulo e do Brasil, narrando estratégias de resistência a falta, a pobreza e a violência do Estado; por meio de grupos de mulheres negras que se articulam para construção de políticas sociais para o bem viver. A transdução coletiva possível ocorre no momento em que formamos uma cozinha comunitária², no seio da Brasilândia, no Jardim Carumbé, e distribuímos comida de qualidade, sem agrotóxicos para os moradores de uma ocupação, desde 2020, no Jd. Damasceno; e/ou no momento em que fundamos um cursinho popular pré-vestibular³, em que alunos pobres podem sonhar em passar em um vestibular de uma universidade; e também com nosso projeto que visa cuidar de mulheres em situação de violência doméstica⁴ e elaborar traumas familiares, a partir de uma clínica aberta, com métodos de literatura negra, fotografia, e escrita autobiográfica. São as nossas próprias ações que transformam o nosso território.

Dentro desse sistema de pensamento a própria lógica do Estado, em que trata o negro, pobre, periférico pelo olhar da desumanização, pelo olhar da aniquilação e do massacre. Pensamos aqui outras possibilidades de lógicas de pensamento, para justamente justificar o direito à existência de humanos. Segundo Gilbert Simondon, para compreender o processo de individuação é preciso dar conta da heterogeneidades periférica, territórios formados por negros, nordestinos, pobres, homens, mulheres, LGBTQIAPN+, a própria violência do Estado, configuram cenários diferentes do campo pré-individual de potenciais e tensões.

Nesse sentido há também indivíduos técnico-sociais, que realizam improvisos para lidar com a escassez e falta material. Em outro sentido, de forma coletiva, ocorre a transdução

² Disponível em: [Razões para ser d'O Amor | Ong amor agradece](#). Acesso em: 23/01/2026

³ Disponível em: [Trânsitos educacionais na Brasilândia, Zona Norte de São Paulo](#). Acesso em: 23/01/2026

⁴ Disponível em: [\(1\) Instagram](#). Acesso em: 23/01/2026

através de lutas coletivas para conquista de direitos coletivos como escolas, hospitais, terminais de ônibus etc. A teoria de Gilbert Simondon, consiste na operação, no ato, e não na estrutura. Seria então, uma teoria sobre a operação da *individuação*.

Dessa forma, a tecnossociabilidade da favela dar-se-á de forma complexa, pois a individuação coletiva, no processo da transdução emerge em igrejas, mutirões, facções, coletivos e organizações políticas de mulheres negras, que atuam através do gesto para lidar com a falta de forma técnica.

George Groddeck (1921), fala sobre o “isso” (das És), o que Freud traduz para “Id”, o que seria algo comparável a este estado pré-individual, ligado ao que seria o estado de natureza selvagem. O que seria comparável a zona obscura, que para Simondon, seria algo pré-individual, em que começam a ocorrer as operações de pensamento, traduzidas em gesto.

Groddeck (1921), possui importantes contribuições para a psicossomática, bem como Lévi-Strauss no capítulo 3 de “O pensamento Selvagem” e no texto “A eficácia simbólica”, no qual o autor define diferentes formas como o xamã e o psicanalista articulam diferentes estratégias para lidar com o sofrimento humano. O psicanalista através de uma lógica individual/ocidental; e o xamã através dos mitos que se articulam no coletivo coletivo (algo mais próximo a transdução). Porém, não há uma hierarquização de conhecimentos para Lévi-Strauss entre o xamã e o psicanalista, pois ambos produzem o “efeito simbólico” operado pela cultura de cada povo.

No caso das favelas, poderíamos pensar na “fé” como aparato que cumpre uma função psíquica, e alienante, entretanto necessária para o cotidiano do sofrimento humano. A fé se faz necessária onde não há mais explicações lógicas possíveis pelo Estado, em um território em que o Estado chega por vezes para execuções violentas, em que corpos são expostos em uma carnificina. O que leva diversas mães negras ao enlouquecimento, devido a brutalidade com que seus filhos são exterminados. Estas mães, em entrevistas para minha pesquisa de doutorado relatam que estão adoecidas, com depressão, ansiedade, crise de pânico, devido a morte de seus filhos jovens negros favelados, pobres.

Ou mesmo outras lógicas de doenças psicossomáticas poderiam ser replicadas aqui, como o câncer, tratado em debate com o filósofo Malcolm Ferdinand, em que o mesmo relatou que devido o uso de agrotóxicos em seu território no Caribe, sua comunidade também está adoecida de câncer. No distrito da Brasilândia, e de outras favelas como no Rio de Janeiro, em que tenho contato, as pessoas estão adoecendo, os agrotóxicos vem na comida, mas também na água como aponta pesquisa da Unifesp, em que a água consumida

principalmente nas favelas vem com mais compostos químicos do que o recomendado com relação a tóxicos cancerígenos⁵.

O filósofo Ferdinand, refere-se a arte como meio para que essas vidas continuem a existir através de uma memória ancestral. Eu, enquanto antropóloga, e cientista social, acredito que toda a sociedade deve ser responsabilizada com a morte de inocentes - principalmente o Estado que é responsável pelas normas e regulações -, pessoas pobres que mal têm dinheiro para se alimentar, e quando se alimentam não têm acesso a produtos orgânicos. A vida do favelado começa a ser exterminada desde a água que ele bebe, até a comida que ele se alimenta, além do Estado que investe em armamento pesado para matar jovens negros, e ainda ceifar vidas de crianças com suas balas perdidas que encontram corpos negros.

Para além de teses como “O sujeito periférico”, (D’andrea, 2013), na qual o autor trabalha uma lógica dedutiva bourdieusiana, em que se fala sobre o sujeito periférico “fazedor de cultura”. Também compararemos a lógica indutiva de “A política dos outros: O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos ” (Caldeira, 1984). Até chegar a lógica transdutiva para Biondi (2010), a lógica do PCC pode instaurar-se no meio urbano, horizontalmente, de forma que o favelado performa as normas a qual está condicionado, ao que entende-se sua produção deu-se através de uma etnografia. Pretendemos nesta tese, partir de uma lógica transdutiva e heterogênea, de forma que ela seja elaborada através do fazer favelado coletivamente, como também foi produzida a dissertação de mestrado. Complexificando o contexto tratado.

Podemos refletir a partir das leituras realizadas na disciplina de Antropologia Transdutiva, que o pensamento favelado está também expresso no corpo, em um modo de ser favelado, que produz agência transformando sua própria realidade. Busco, dessa forma, aproximar os conteúdos trabalhados na segunda parte da disciplina, de forma que possamos compreender para além das estruturas de categorização, a forma e a matéria que produzem a cadeia operatória do pensamento favelado, e se possível tatear a zona obscura do processo de individuação; que faz com que por vezes muitos favelados operem dentro do sistema, seja ele o sistema do Estado, ou o sistema do PCC, o desafio é compreender a lógica transdutiva que produz forças dentro desse território.

Periferia é um termo que traz ambivalência, pois não são territórios que estão apenas longe do centro, são lugares pobres em que há ausência do Estado. O ponto de que se trata

⁵ Disponível em: [Tratamento na água gera substâncias cancerígenas em 493 cidades brasileiras - Repórter Brasil](#). Acesso em : 23/01/2026

esse trabalho, o anarquismo favelado. O modo de ser e de resistir nas bordas da cidade de São Paulo se dá de forma libertária, ou seja, em um “nós por nós”, pessoas se articulam de forma que possam garantir suas existências. Por exemplo, no caso do feminismo burguês, quando há um caso de competição feminina, haverá disputas e cancelamentos em relações de poder; enquanto na favela, muitas mulheres se aliam, até porque em muitos lares não há a presença do homem, do pai, e outras formas de redes familiares são construídas, para que seja possível a criação dos filhos. A competitividade feminina é alicerçada pelo sistema capitalista e vice-versa. Bem como, retrata Mariléa Almeida (2022), com as histórias de mulheres quilombolas, umbandistas, que articulam a ancestralidade com a potência para resistir ao colonialismo.

Sobre sistemas de parentesco, observamos famílias em que tias, e avós ajudam na criação daquelas crianças que nascem, em que no contexto o pai está preso, ou então foi assassinado.

Sobre a presença do Estado, esse se apresenta ostensivamente através da polícia. Todas as noites escutamos tiros, e jovens correndo pela viela, que é cheia de esgoto⁶, para fugir da polícia. Até mesmo barricadas com carros e ônibus são feitas quando há atrito entre a polícia e os traficantes do Primeiro Comando da Capital (PCC).

Para Karina Biondi (2010), o PCC implementou uma nova lógica na favela, em seu modo de ser, que seria o proceder. Se torna um pouco complicado falar dessa lógica de operação e produção do pensamento, pois é contra a Lei do Estado, porém o Estado é contra a favela. Se você pensar nas condições de saúde, educação, trabalho, logo verá que o conhecimento que é produzido na academia está voltado para compreender a lógica da favela e dominar esse território através da força e não através de aparatos públicos que garantiriam a vida e a dignidade das pessoas que moram lá.

E então chegamos à discussão dessa disciplina, pois concluímos que o favelado não é visto como humano. O indígena enxerga o macaco como humano, mas o homem branco de classe média não enxerga no favelado humanidade, e por serem cidadãos de bem, respeitados pelo Estado, por serem pagadores de impostos, exigem a contenção social, ou seja, operações policiais que mantenham os pobres na favela, sofrendo todo tipo de violência e desigualdade. Quem são os humanos então? Os que enxergam nos animais humanidade, ou os brancos? Não à toa, a operação que chacinou 132 pessoas no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro, se chamava “operação contenção”. Dessa forma, não há alibi, não tem como pedir para que

⁶ Há muitos problemas de esgoto, pois troca de tubulações antigas não são obras visíveis aos eleitores.

não surjam novas formas de reação a um Estado que não é de direitos para todos, é um Estado de direitos para “cidadãos direitos”, ou seja ricos, que possam pagar os altos custos de se viver em uma metrópole como São Paulo.

Nas escolas as salas de aula estão lotadas, só na Brasilândia temos mais de 50 alunos por sala, com péssimas condições de infraestrutura. Os efeitos ambientais também são catastróficos, deslizamentos de terras, pessoas morrendo soterradas embaixo de suas casas que caem pelo barranco devido às chuvas, ou melhor, devido a falta de planejamento urbano e saneamento básico.

Conversando com as pessoas, moradores da Brasilândia, em entrevistas semiestruturadas, pude ver o nível de alta crítica ao Estado, que são elaboradas por lideranças do território, elas que todos os dias enfrentam na prática as desigualdades e violências das quais sua comunidade é vítima. Nós não sabemos se algum dia essa guerra vai acabar. No entanto, surgem novas lideranças, e também novos projetos que buscam trazer um pouco mais de conforto a quem está passando mal, ad hoc, a quem está passando fome. Fome é uma coisa que somente quem passou sabe a cor, como diz Carolina Maria de Jesus em “O Quarto de Despejo, o diário de uma favelada” - a cor da fome é amarela.

Essas lideranças comunitárias esforçam-se para conseguir verbas, construir espaços em seus próprios terrenos, espaços comunitários, outros grupos ainda alugam espaços com dinheiro de seus membros, para realizar atividades de cultura negra, como capoeira, jongo, maracatu, para crianças e jovens. Nós construímos nossos próprios centros culturais, nossas próprias bibliotecas, e cozinhas comunitárias.

Os movimentos das igrejas também se somam a essa luta, que apesar de ser uma instituição que faz parte do sistema, ainda é um dos espaços de articulação política e também sociocultural, em que o pobre pode comprar uma roupa em um bazar, ou pegar um remédio em uma farmácia popular, cursos de música e idiomas são oferecidos, oportunidades de trabalho, o cuidado que seria papel do Estado, como antigamente é executado pelas igrejas.

Como poderíamos então, tecer um esforço para compreender o modo de ser favelado, que através de um movimento anarquista contra o Estado, tenta resistir nas margens da sociedade, sendo visto como não humano. Como fazer essa defesa do que seria um primeiro capítulo de uma tese escrita por uma favelada, em defesa de sua sociedade?

Poderíamos aqui pensar da individuação, de Gilbert Simondon, em que há a formação do indivíduo a partir do átomo, a formação química que junta todos os átomos e forma a matéria, neste composto, a metafísica, de Aristóteles matéria e forma se encontram. Porém, existe uma zona obscura, que se constrói como coisa a ser explicada.

Para Simondon, as fases do ser podem ser divididas em três, uma fase pré-individual, e ao ser dividido em fases, aparece o devir, que carrega a potencialidade do ser. Para o autor, o indivíduo vivo é o próprio sistema de individuação, que não apenas se adapta ao meio, mas pode também modificar a si mesmo, inventando novas estruturas internas, para lidar com os problemas vitais (p.21). Podemos pensar que, o indivíduo favelado, ele cria e recria formas de existência, para sobreviver a guerra e a falta de acesso a direitos básicos. Mais ainda, modifica a si mesmo através da cultura para ser visto enquanto gente nessa sociedade racista e classista, usando roupas de marca, alisando o cabelo, consumindo, estudando e reproduzindo a cultura dos brancos. No entanto, há um movimento reverso, em que mesmo em lugares de alto nível de distinção social, a cultura negra foi absorvida e ressignificada, como é o caso do Jazz, nos EUA, que é levado para França, ou mesmo do funk que desceu para o asfalto e produziu uma das maiores artistas da atualidade a nível internacional, Anitta.

Na insuficiência, da relação forma-matéria, há a energia potencial na operação de individuação, uma condição para metaestabilidade. Assim como Lévi- Strauss, em o Pensamento Selvagem, critica Malinowski, ao menosprezar a capacidade do selvagem de classificação e organização do pensamento (p.18); o Estado desqualifica a capacidade intelectual do sujeito periférico (D'andréa, 2013).

Para Viveiros de Castro, há uma diferenciação entre termos sobre o significado que confere humanidade, ou seja, há o animismo de Phelipe Descola, em que aos animais lhes é conferida uma alma; o totemismo de Lévi-Strauss, em que há semelhanças inclusive físicas entre clãs animais e humanos, inclusive com interdições alimentares; e por fim o perspectivismo de Viveiros de Castro em que o mesmo confere o estatuto de humanos aos animais, por exemplo, o Jaguar homem, e também os animais enxergam os humanos como humanos, apesar de suas diferenças, há um pensamento de um “eu” duplo, que contrapõe o pensamento ocidental de um “eu” que é forjado pelo individualismo.

Viveiros de Castro (2006), no texto “No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é”, afirmar que índio é todo aquele que vive em comunidade e se reconhece nela, bem como a afinidade com características de sociedades pré-colombianas; poderíamos dizer então que, os favelados também tem em comum, ousaria dizer que até internacionalmente, devido a diáspora africana, um senso compartilhado de comunidade cultural, envolvendo tanto uma ancestralidade negra quanto indígena.

Assim também pelo aspecto político de lideranças comunitárias, e auto organização política. Bem como o Estado decide por criar uma categoria índio, justamente para não se

responsabilizar pelo cuidado dos indígenas aculturados, esse mesmo Estado, não cuida das populações mais pobres e faveladas no Brasil, pelo contrário cria estigmas que as colocam como inimigas da nação e sujeitas a políticas de controle social.

Bem como para os antropólogos brasileiros, o desafio era estabelecer que ser índio não era apenas uma questão de adornos, para nós antropólogos advindos de favelas, também é uma questão estabelecer a humanidade e conferi-la a um modo de ser favelado, e a um devir que está alinhado a comunidades de pessoas pobres, majoritariamente negras, que sobreviveram a história da escravidão no Brasil. Entre esse modo de ser, encontram-se estratégias de resistências que permitem a continuidade da vida nesses territórios, de forma além do que seria o cuidado do Estado.

Ao passo que o ser comunidade, para Viveiros de Castro, conecta-se ao transindividual, ou um Super Indivíduo. Assim como para o autor, que apoia-se na psicanálise, pois ao passo que os índios gozam de sua indianidade, os recalcados anseiam pelo seu extermínio. Bem como na favela, em que o jongo era criminalizado nos quilombos, o samba nos terreiros, e o funk atualmente nas favelas, as potencialidades negras e faveladas são passíveis de extermínio por traduzirem o prazer de seu povo, sua potência de vida. Como é o caso que acompanhamos nesta pesquisa, sobre os 9 de Paraisópolis, 9 jovens foram brutalmente assassinados pela polícia de São Paulo, por estarem gozando de suas vidas em um baile funk.

O autor ainda fala sobre uma questão da metafísica ocidental, que consiste em ser autêntico, ou seja, o que seria ser realmente índio, ou afrodescendente, o mesmo conclui que não existe; o que pode existir é o ser autêntico branco, e aponta como algo negativo para os mesmos, dentro de seu pensamento ocidental. Aos europeus é relegado o direito ao Renascimento, ou seja uma mistura de tradições em território europeu, enquanto aos outros resta a invenção das tradições (Castro, 2006).

Percebo essa questão relatada por Castro, sobre o deslocamento reflexivo do antropólogo (p.72), e o quanto me impacta enquanto antropóloga e nativa da favela. Ao me distanciar do meu objeto, enxergo uma paisagem que eu não enxergava antes, mesmo a questão urbana, enchentes, casas de alvenaria sem reboco ou pintura, deslizamentos de terra, esgoto a céu aberto; e para além de questões estruturais, também observo relações mais próximas entre vizinhos, entre familiares que moram juntos no mesmo quintal, primos, tios, avós, o que torna a sociabilidade diferente da sociabilidade na grande metrópole. Dessa

forma, o autor propõe um novo conceito antropológico
conceito. No caso, o perspectivismo.

sobre

Pensando novas formas de lutas anticoloniais, temos o debate emergente do racismo ambiental. No qual há fortes protagonistas do sul-global, como Guilherme Fagundes, Nego Bispo, Ana Sanches, Malcon Ferdinand, Denise Ferreira da Silva, Leda Maria Martins, e outras pensadoras negras como Grada Kilomba e Saiydia Hartman, que denotam o pensamento afrodiaspórico e a luta contra o colonialismo e todas as mazelas sociais que advém ao povo negro que sofreu e ainda sofre com a herança da escravidão.

Dentre estes intelectuais, destaco ainda produções que se referem a um olhar para as favelas, como a produção de Mário Medeiros sobre a obra de Carolina Maria de Jesus, e sua conexão com discussões promovidas ainda hoje sobre a fome nas favelas, e o protagonismo de mulheres negras contra essa realidade cruel. Muito nos interessa o trabalho de Ana Sanches, envolvendo redes comunitárias de hortas de mulheres negras faveladas, e também o trabalho de Marilena de Almeida, em Devir quilomba - antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas -, nos quais podemos observar a prática, o gesto, de mulheres negras que resistem ao colonialismo.

Nesse desafio que me propus ao escrever (Evaristo,2020) essa tese, partindo de minha própria realidade contexto enquanto mulher negra favelada e pobre, me proponho aqui a desnudar conceitos de pensadores desde a Grécia antiga, que regem nossa forma de produzir ciência, como é o caso da metafísica de aristoteles, que tentamos desmontar ao longo deste curso. Como diz nego bispo, eu não escrevo contra o colonialismo, eu luto contra o colonialismo, ao construir cozinhas comunitárias para pessoas que estavam desalojadas durante a pandemia, ao reconstruir muros de escolas e pintá-los pois haviam caído, devido ao descaso do Estado de São Paulo com a educação pública, Escola esta na qual eu estudei e fui professora ao longo de 6 anos. Ao desenvolver projetos de máscaras para a minha comunidade, o território em que mais morriam pessoas na cidade de São Paulo, a Brasilândia, em que os cemitérios da Cachoeirinha estavam lotados, e não havia mais aonde enterrar pessoas, elas estavam morrendo dentro de casa. Ao lutar pela abertura do hospital da Brasilândia, que abriu em meio a pandemia com apenas 12% dos leitos funcionando. Ao lutar pelas mães que tem suas crianças assassinadas, desaparecidas, por serem jovens meninos negros, que sofrem o processo de extermínio do Estado. Ao lutar para que o meu povo tenha direito à alimentação, moradia, saúde, segurança, educação, lazer e paz.

Muito me emociona escrever esse trabalho, e pela primeira vez nesta universidade, sentir o processo de conhecimento e reconhecimento acontecendo. Alguém para conversar

sobre a realidade, sem fantasias, ou idealizações de uma favela “festiva”, ou sem problemas. Há o presente desafio proposto por Frantz Fanon, e revisitado por Grada Kilomba, no qual urge a necessidade de desmonte contra colonial do pensamento, a psicanálise precisa ser revista enquanto pensamento decolonial, de forma que compreenda o adoecimento de pessoas negras faveladas, os inúmeros casos de transtornos mentais, suicídios que ocorrem nas margens da cidade, devido a situações desgastantes para a psique, como retratei acima.

Dessa forma, como disse Nego Bispo, não queremos nesta tese “usar a régua do saber sintético para medir o saber orgânico é prática colonialista”⁷, ou seja, por mais que tenhamos nos debruçado ao longo da disciplina sobre autores franceses, poderíamos também ter aprendido sobre nossa própria intelectualidade, para dar conta de nossa realidade, de forma simétrica. No entanto, compreendo que para lutar contra nossos inimigos, se faz necessário detê-los, ainda que de forma demasiada. Assim como critica Simondon, o hilemorfismo da forma e da matéria em que há um buraco na representação hilemórfica fazendo com que desapareça a mediação entre as cadeias operatórias, instituindo um sistema energético, um estado que evolui e deve existir efetivamente para que um objeto apareça com sua exceção (p.50).

Assim como para Grada Kilomba, em “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano”, quando disse que é preciso uma descolonização do pensamento, podemos articulá-la a Ferdinand quando o mesmo propõe uma ecologia decolonial, e não somente antirracista. Kilomba retrata em sua obra como o sujeito negro é construído pelo polo negativo do ser, o que é bom é do branco, e semanticamente o que é ruim é do negro, “a língua também tem uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade”(p.14).

Sendo assim, precisamos elaborar o trauma, como me proponho nessa tese, em elaborar o trauma do povo favelado, que é subjulgado pelo Estado, pelos colonizadores. E dessa forma, ao elaborar este trauma propor novos caminhos de resistência. Essa discussão tão cara a antropologia sobre o eu e o outro, em que nós somos vistos como o outro. O que é discutido por Gilles Deleuze & Guattari, e também por Viveiros de Castro, em sua proposta de uma escrita que enxergue esse outro em sua realidade, o anti-narciso.

⁷ Disponível em: [Saberes orgânicos e saberes sintéticos: um olhar quilombola sobre o colonialismo Diversidades](#). Acesso em: 23/01/2023

Um estudo de caso: Corpos diversos enquanto possibilidade de experiência humana: a dança de Joana D'arc e sua filha Vitória

Este ensaio foi realizado mediante exercícios pré-realizados em sala de aula refletindo acerca da deficiência enquanto fato social geral comum a toda sociedade, entretanto a sociedade contemporânea nega o espaço que seria necessário para existência de forma completa da pessoa deficiente no meio social. Para além de aspectos físicos, refletimos sobre o desejo e o sexo para pessoas com deficiência, principalmente sobre o sentir-se desejado e o poder de despertar o desejo, com o clipe da cantora Viktoria Modesta, com destaque para sua prótese de perna que era uma bota feita de swarovski.

Muitas reflexões se abateram acerca da disciplina, de modo que alguns debates foram polemizados, como por exemplo, o caso de aborto de pessoas com deficiência, a exemplo de pessoas com síndrome de down que podem vir a ter uma vida minimamente confortável caso tenham suporte social. Desta forma, refletimos sobre como a diferença de classe é um fator que complexifica a desigualdade para com pessoas com deficiência. Outro debate o qual percorremos foi sobre os marcadores sociais da diferença ou a interseccionalidade, no qual ficou evidente a disputa por poder dentro da academia, não havendo tanta diferença entre os termos.

O que seria o corpo se não um amontoado de saís, água e pele? Algumas com mais melanina, outras que ficam vermelhas com o sol. Corpos que tem bocas que falam, cérebros que pensam, em meio às suas especificidades e diferenças, pensam e sentem. Logo, há sentido em vidas de pessoas com deficiência. Corpos que sentem prazer, independente de sua localização geográfica, ou de sua renda.

Adriana Dias destaca a importância da cidadania para pessoas com deficiência de forma que estas não estejam apenas vulneráveis ao assistencialismo ou à caridade. Em meu trabalho na Brasilândia, acompanho um grupo de mulheres mães de pessoas com deficiência, entre elas a

liderança da Brasilândia do Jardim Guarani, do grupo Joana D'arc⁸, mulher negra, que dança junto com sua filha Vitória (que leva o mesmo nome da cantora Viktoria Modesta), mulher negra de 38 anos com paralisia cerebral.

⁸ Vídeo de Joana e Vitória. Disponível em: <https://youtu.be/gQkSVGB7t5U?si=2T3gmCyn99WWhs8z>. Acesso em 17/12/2024

Joana organiza e coordena uma rede de mulheres com deficiência ou que convivem cotidianamente com pessoas com deficiência. A liderança comunitária organiza a entrega de mais de 100 cestas básicas por mês para pessoas deficientes na Brasilândia. A liderança organiza virtualmente encontros para essas mulheres refletirem sobre suas atuações em rede⁹, o projeto chama-se Vozes Femininas¹⁰. Segundo Joana D'arc, o projeto acontece periodicamente com reuniões on-line, que escutam mulheres com deficiência e também mulheres que cuidam, em geral essas mulheres não olham para o auto-cuidado, principalmente as mulheres que cuidam. Nesta rede, as mesmas podem falar sobre ter prazer feminino sendo uma pessoa com deficiência, sobre ter uma vida sexual ativa e também como lidar com o próprio corpo, com a sua menstruação, mulheres que sofrem agressões físicas, a ideia é que o projeto seja um espaço em que as mulheres possam falar sobre o que acontece em suas vidas públicas e privadas, e como as mesmas coisas que acontecem na vida de mulheres sem deficiência, ocorre na vida de mulheres com deficiência.

No ano de 2023, fui convidada para um Sarau no Centro Cultural Jd. Damasceno, no qual a atração principal era Joana em uma performance de dança contemporânea com sua filha Vitória, dentro das possibilidades do corpo de Vitoria, a mesma bailava rolando pelo chão, em alguns tatames. O corpo com deficiência pode expressar-se dentro de suas potencialidades, o meio precisa adaptar-se ao corpo, socialmente, não apenas o corpo adaptar-se ao meio naturalmente. Esta performance também foi executada na Expo Favelas¹¹, em 2023. O corpo da mãe Joana, como podemos observar na performance, é também uma extensão do corpo de Vitória, o qual em relação ao corpo de Joana é possibilitado executar um maior número de movimentos, em relação a. A cadeira de rodas, poderia ser também uma parte do corpo de Vitória a qual apesar de parecer impossibilitar alguns movimentos, permite que o tronco de Vitória esteja suspenso para que a mesma possa realizar movimentos com a cabeça e os braços.

A interlocutora, Vitória, atravessa controvérsias ao pensarmos que para além de pessoa com deficiência, a mesma é também uma mulher negra e periférica, além de ser órfã,

⁹ O projeto Vozes Femininas surgiu de uma iniciativa da Associação BRASA, e esta Associação, por sua vez, surgiu da *Inclusione e Cura AIFO*, uma Associação de origem Italiana, o foco dessas associações é cuidar de mulheres e pessoas com deficiência.

¹⁰ Projeto Vozes Femininas. Disponível em: <https://vozesfemininas.org/vozes/2023/05/24/convite-mulheres-do-vozes-promovem-sarau-de-artistas-com-deficiencia/>. Acesso em: 19/12/2024

¹¹ Performance Vitoria e Joana D'arc. Disponível em: <https://youtu.be/CyRLYqN2JIU?si=XbARYuDUmsQouqzO>. Acesso em: 19/12/2024

e ser adotada por Joana, quando a mesma ainda estava na adolescência, talvez sem o suporte de Joana, Vitória não tivesse alcançado a potencialidade alcançada por seu corpo na dança e para além dela. Tendo em vista o pensamento eugenista e racista, corpos negros eram vistos como deficientes para a sociedade colonizadora, com cérebros menores e incapazes de pensar como destaca Dias em Du Bois. O racismo colonial cunhado no capacitismo.

Dias reflete até mesmo sobre a possibilidade de produção antropológica por corpos deficientes, de antropólogos deficientes que não poderiam acessar o campo por não haver suporte para seus corpos (Lopes, 2022). Ainda para Lopes, as diferenças alicerçam deficiências, de forma que a eugenia, dispositivos de controle da sexualidade, a própria deficiência física, ou mesmo o pauperismo para um contexto do liberalismo, caracterizariam formas de deficiência pensando através de categorias como os marcadores sociais da diferença, ou ainda através da chave da interseccionalidade, poderiam intensificar experiências de forma negativa, como o caso de Vitória que é uma mulher negra, baixa renda, periférica, que vivencia sua deficiência atravessada por outros marcadores que produzem um corpo que acessa menos a cidadania e a autonomia do ser.

Ainda sobre termos libidinais, Vitória é uma mulher negra, que demonstra ter desejos, fala sobre namorados, ou seja, poderia uma pessoa com deficiência desejar, mais ainda poderia ela ser desejada? Joana destaca sua preocupação com Vitória nesse sentido, enquanto mulher e o exercício de sua sexualidade.

Deste viés analítico, podemos observar que deficiência não é uma exclusividade, mas que todos nós podemos de alguma forma não nos adequar ao meio. Ou seja, podemos precisar de modificações estruturais, ou mesmo emocionais para lidar com o contexto geral apresentado de forma a ter uma melhor performance. No caso Vitória, por exemplo, sua mãe Joana relata que já teve que vir caminhando com Vitória do bairro da Lapa em São Paulo até o bairro da Brasilândia, Zona Norte, pois os ônibus não paravam ao ver que era uma pessoa com deficiência. Mais uma vez, podemos destacar a cidadania que é negada para pessoas com deficiência, de forma que Vitória também não tinha dinheiro para pedir um Uber.

A deficiência ao longo dos estudos sociológicos, deixou de ser um problema do indivíduo e tornou-se uma questão política e social (DINIZ, 2003). Em um modelo ideal de sociedade, o

transporte público por exemplo deveria passar por uma maior fiscalização de forma que atende-se todo o público, em especial da periferia, em sua diversidade.

Débora Diniz, destaca que a produção sobre deficiência é também em geral produzida por mulheres, e que esta vinculada a um produção acadêmica feminista, pois são também essas mulheres, que se não são deficientes, partilham o papel do cuidado de pessoas deficientes, como nomeia Diniz. Para a autora, o cuidado atua como uma relação interdependente para manutenção da vida cotidiana, e defende que haja uma regulação da justiça para com essas relações de poder, para que nossas obrigações morais reflitam em nosso sistema político e social.

Desta forma, podemos concluir que o trabalho de cuidado feminino esta amplamente conectado ao cuidado de pessoas deficientes, e também como o universo da deficiência esta permeado por relações de poder para com corpos que não seguem a norma. Os corpos divergentes são corpos desejanter, e tem sua atuação no mundo a partir das relações com outros corpos que possibilitam suas existências de forma única. Neste caso, apresentamos a relação de conexão e cuidado entre Joana D'arc e sua filha Vitória, como disse Adriana Dias “isso faz delas também grafos, outras formas de registros da experiência humana, uma forma relacional, exponencial da multiplicidade.”, ou seja, nós seres humanos existimos em relação, todos os humanos tem a necessidade de afeto, e nem por isso são menos humanos por terem necessidades de se relacionar, precisamos trabalhar nosso espelho da alteridade e ter a capacidade, ou ao menos o esforço de compreender existências diversas que podem, por vezes, complementar nossa própria experiência enquanto humanos.

Fala apresentada na Faculdade de Saúde Pública da USP, em 07 de abril de 2026: Relatos sobre insegurança alimentar na Brasilândia, Zona Norte de São Paulo

“A cidade mais rica do país convive com uma dura realidade: cerca de 50% da população paulistana vivia com algum grau de insegurança alimentar em 2024, segundo um estudo do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de São Paulo. Em uma metrópole de 11,5 milhões de habitantes, são cerca de 5,8 milhões de pessoas sem garantia de acesso a alimentos.

[...] A desigualdade territorial é um dos principais marcadores da fome na capital paulista. Nas periferias da cidade, concentram-se 72% dos casos de insegurança alimentar grave, enquanto o centro apresenta os menores índices. Em habitações improvisadas, o

problema é ainda mais grave: 73,3% dos domicílios desse tipo enfrentaram fome. Nas áreas ocupadas ou invadidas, o índice é de 44,9%. [...]”¹²

Eu sou Mayara Amaral, doutoranda em Antropologia Social pela USP, e liderança comunitária na Brasilândia, Zona Norte de São Paulo. Hoje, trouxe comigo, Marisa Mateus, amiga e também socióloga da Brasilândia. Marisa representa uma das frentes de pesquisa na qual atuo: A Fome.

Comecei a escrever sobre a fome durante o meu mestrado. Me deparei com a dor inenarrável, de milhares de pessoas, que lutam pela sua própria sobrevivência. No país que é o maior produtor de comida do mundo, em nossas favelas nos deparamos com a pobreza e com a necessidade de forrar o estômago. A fome ela é capaz de adoecer o físico, mas também o mental e o espiritual das pessoas. As pessoas que vejo na favela passando fome, são negras. A herança que a escravidão nos deixou foi a fome, e a pobreza. Essas mesmas pessoas que não tem o que comer, estão a margem da sociedade. Os ditos marginalizados, ou “marginais” como muitas vezes ousam se referir a jovens negros e pobres que optam por não andar nos trilhos da escassez proposta pelo atual sistema econômico e político.

Decidi debruçar-me sobre o problema da fome, pois como disse Carolina Maria de Jesus “Quem inventou a fome, são os que comem”, em seu livro “O quarto de despejo: o diário de uma favelada”. Ou então, quando Carolina relata a cor da fome “A cor da fome é amarela”. Ainda hoje, após tantos anos escrevendo sobre a fome, e lutando contra ela, me emociono ao escrever essas palavras. Também pelo viés da experiência. Em uma aula, sobre Carolina Maria de Jesus, me lembro de o professor ter dito não poder falar desse lugar, pois não havia vivido tal experiência. O que me fez pensar que talvez eu saiba que cor é essa: amarela.

Interlúdio¹³

Me lembro, por vezes, de ser atravessada por uma experiência de falta. Uma sensação de ter que guardar o alimento para que ele não falte, comer um pouco menos, guardar para mais tarde. Estou sempre como um esquilo guardando coisas para comer, e com medo que elas acabem. Essas memórias atravessam gerações de corpos negros, e afrodescendentes, que

¹² Disponível em: [Fome em São Paulo: maior número absoluto de famintos no país - Pacto Contra a Fome](#). Acesso em: 07/04/2026

¹³ Apresento neste artigo a metodologia inovadora da produção antropológica mesclada com a fabulação crítica e a produção literária da escrivência, que traduz minha própria experiência enquanto favelada, bem como das comunidades de favela que represento.

experenciaram por gerações a sensação da falta. Ainda assim, negros velhos, como os jongueiros são capazes e potentes na ressignificação da vida através da festa, o jongo é também um espaço de comunhão, em que a comida é servida gratuitamente, bem como no candomblé e na umbanda, a comida é o próprio orixá vivo. Quando fui iniciada no candomblé, o bode sacrificado se tornou parte de mim, e essa carne foi distribuída para a comunidade.

Nosso fazer é comum. Nosso bem estar, nosso lazer, nosso comer é coletivo. Eu não posso sentar à mesa, sabendo que meu vizinho está passando dificuldades. Durante a pandemia de Covid-19, foram diversas as atitudes de solidariedade na Brasilândia. Muitas cestas básicas e marmitex foram distribuídas, em uma ampla rede de mais de trinta organizações que se dedicaram, muitas vezes com recursos próprios, para chegar aos irmãos que mais precisavam. Era necessário distribuir marmitas nas ocupações, pois segundo Nei, (líder comunitário da favela do Sapo), as pessoas não tinham gás, ou fogão, então não era possível distribuir cestas básicas, pois elas não tinham como cozinhar o alimento.

Aonde está a humanidade que nos colocou como imprudentes com relação a nossa saúde ao não cumprir o lock down? Nós os animalizados pela mídia, fomos os mais humanizados ao não nos trancarmos no alto dos nossos castelos esperando pelo menino negro favelado que trazia o Ifood, enquanto ele mesmo não tinha o que comer.

Podemos observar, que quem não tem nada a perder tem mais coragem de viver, mesmo em meio a morte, e ao risco da contaminação. Foram diversas atividades realizadas em cenários novos, como as ocupações que surgiram, que é o caso da ocupação da Vila Nova União, a qual Dona Marisa atende até hoje com suas quentinhas. Professores da geografia da USP, e professores da Alemanha, presenciaram brigas, lutas corporais por uma marmita. Políticos, deputados estaduais, federais, vereadores, presenciaram a pobreza e a miséria que essas pessoas estão inseridas. Mas nada mudou. Já se passaram seis anos, desde a pandemia, e nós continuamos no “nós por nós”, distribuindo marmitas para essa ocupação que surgiu com a pandemia, fazendo cursinhos populares, projetos para combater a violência contra a mulher. Escrevivendo, fazendo poesia, dançando contra o sistema.

Outro trabalho que acompanho desde criança na luta contra a fome, é o da ordem de São Vicente de Paula, vinculado a Igreja Católica, no qual minha mãe Vera Lúcia atua no Jardim Teresa, na Brasilândia, desde 2008, quando a ordem foi fundada na comunidade católica. E também na qual meu avô atuava, o pai de minha mãe que era um homem negro. Meu avô inclusive, além de levar comida aos pobres, também construía barracos para mulheres desabrigadas com crianças, isso quando não colocava famílias inteiras dentro de sua

casa na Freguesia do Ó, até que os barracos fossem para não ficarem perambulando pelas ruas.

construídos

Os vicentinos montam kits de cestas básicas para famílias que passam por dificuldades financeiras, mas para além disso, acompanham as famílias com conversas e visitas, principalmente aos doentes. Me lembro de ser criança, e dar banhos em idosos acamados, que moravam sozinhos nas favelas. Dona Zefa, que era essa senhora sozinha, com mais de 80 anos, contava que havia sido cozinheira em uma fazenda, tinha tido um filho, e gostava de ouvir uma música de forró chamada “feijão queimado”, de Tonico e Tinoco, que relata a festa da quadrilha do pé avermelhado, assim como o jongo que ocorre nas festa juninas. A ordem dos Vicentinos cuidou de dona Josefa, mulher preta, empregada doméstica, até o seu enterro, com uma coroa de flores azuis, no Cemitério da Vila Nova Cachoeirinha.

Outra mulher preta que a ordem dos Vicentinos acompanhou e acompanha até hoje, é a Inês, mulher alcoólatra, que teve dez filhos, todos meninos. Inês também era cozinheira, merendeira em uma escola, porém seu problema com o álcool sempre trazia dificuldades no emprego.

A igreja cumpre um papel social, em que muitas vezes o Estado não chega, às pessoas mais vulneráveis. Ou se chega, com o bolsa família por exemplo, ainda assim não é o suficiente para manter as famílias, muitas vezes sem a presença paterna, e com uma grande prole. Ainda mais com agravantes, como álcool, drogas, prisões, etc.

Outro projeto interessante é o da Pastoral da Criança, que pesa crianças e fornece o multimestura, um composto de vitaminas e minerais, feito de casca de ovos, e frutas, que complementam a alimentação de crianças desnutridas. Com o avanço de políticas sociais, como o Bolsa Família, é visível a queda do número de crianças na região que apresentam casos de desnutrição.

As religiões de matriz africana, também atuam na região, distribuindo leite, verduras, cestas básicas, como é o caso do terreiro Angola, de Mametu Indembokeanã, e outros terreiros que realizam ações sociais relacionadas à fome. Além das festas que sempre tem comida farta para a comunidade, e que acolhe principalmente as crianças, como na festa dos Ibejis, ou Cosme e Damião e Dom Um. Como diz Marisa “terreiro significa casa de caridade”.

Nas escolas públicas em que dei aula, também presenciei muitos casos de vulnerabilidade alimentar, crianças e adolescentes relataram que sua única refeição era feita na escola. Algumas crianças e adolescentes pediam para levar marmitas para casa, para ter o

que comer após o período escolar. E reclamam muito quando não eram servidas refeições, e era servido bolachas de água e sal com suco.

A mesma cena se repete no bandeirão central da USP, em que jovens estudantes, pobres, são discriminados pela instituição ao levar marmitas para encher com um pouco de comida do bandeirão, pois sentem fome durante a noite. Estudantes negros, esses advindos de Perus, Brasilândia, Zona Norte de São Paulo, que fazem parte da minha rede de sociabilidade.

Na Escola Estadual Professor Walfredo Arantes Caldas, a merendeira, uma mulher preta, cultivava no quintal da escola uma horta, na qual plantava temperos para colocar na comida dos alunos, pois o Estado não dava dinheiro para comprar temperos. Nós professores e diretores, fazíamos vaquinhas para comprar alho, cebola, óleo, para temperar a comida das crianças.

Em um dos episódios mais tristes dentro da escola, quase perdemos um estudante por um choque anafilático, devido a fome, ele estava muitas horas sem comer, o que levou seu corpo a ter uma crise. Ao chamar o Samu, descobrimos que o problema era a fome. Desde então, em conversa com a diretora, os intervalos passaram a ser uma aula mais cedo, para que os estudantes não desmaiassem na sala de aula, por estarem com fome.

Sim, esta é a situação atual da periferia da maior cidade da América Latina. Da cidade mais rica. Aqui o filho do trabalhador que serve ao sistema, ainda passa fome. Convido vocês a pensarem junto comigo em soluções para esse problema tão atual, com motivações históricas tão antigas, como a não inserção no negro na sociedade de classes.

Obrigada.

Bibliografia

ALMEIDA, Mariléa de. Devir quilomba, antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas. Ed. Elefante. São Paulo, 2022. 384 pg.

BIONDI, Karina, Junto e misturado: uma etnografia do PCC, São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2010, 245pp.

Caldeira, Teresa. A política dos outros. 1984

Castro, Viveiros Eduardo. Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. 2018

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado. 1974

D'andrea, Tiaraju Pablo. O sujeito periférico. USP. 2013

DIAS, Adriana. Pensar a deficiência, algumas notas, e se me permitem um convite. In: ALLEBRANDT, Débora; MEINERZ, Nádia Elisa; NASCIMENTO, Pedro Guedes (orgs.). Desigualdades e políticas da ciência Florianópolis: Casa Verde, 2020. pp. 163-200.

DINIZ, Débora. O modelo social da deficiência: a crítica feminista. Série Anis, 28, Brasília: Letras Livres, p. 1-8, Julho, 2003.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 320 p.

LÉVI-STRAUSS, C. L'efficacité symbolique. *Revue de l'histoire des religions*, v. 135, n. 1, p. 5-27, 1949. [Links]

_____. 1989 [1962]. *O pensamento selvagem (La pensée sauvage)*. São Paulo: Papirus.

LOPES, Pedro. Deficiência na cabeça: convite para um debate com diferença. *Horizontes Antropológicos*, v. 28, p. 297-330, 2022.

Groddeck, G. (2008). *O Livro dIsso* São Paulo, SP: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1921).

Simondon, Gilbert. 2005. L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information. Paris: Édition Jérôme Millon. [1958]

Sanches, Ana; Belmont, Mariana. Racismo Ambiental como uma violência colonial: Um enfrentamento urgente e coletivo!. **v. 6 n. 17 (2023): Racismo Ambiental.**

Entrevista; Diálogos entre-mundos negros Malcom Ferdinand e Guilherme Fagundes. **v. 6 n. 17 (2023): Racismo Ambiental.**